

Dados da Ficha

Palavras-chave:	Chapecó, Cella, balseiro, mato, Desbravador.
Entrevistado:	Lúcio Irineu Leinets Schimitz (LS)
Idade:	81 anos
Entrevistadoras:	Melânia Olimira Höhn (MH) Maria Neusa Castamann (MNC)
Data da entrevista	Nov. de 2014
Transcrição da entrevista:	NI

MH - Qual é o nome completo do senhor?

LS - Meu nome completo é Lucio Irineu Leinets Schimitz

MH - Quantos anos o senhor tem?

LS - Eu tenho 81 anos.

MH - De onde o senhor veio?

LS - Eu nasci em Santa Catarina, na Barra do Rio Irani com o Uruguai, sou barriga verde e tenho orgulho de ser Chapecoense.

MH - Quantos anos faz que o senhor mora aqui no Bormann?

LS - Aqui no Bormann vai fazer uns vinte e poucos anos.

MH - E o que levou o senhor sair de lá e vir para o Bormann?

LS - Lá eu trabalhava na lavoura. Daí sai de lá eu nem tinha visto ainda trator, mas eu tinha na minha cabeça que um dia iria aprender a trabalhar com trator na lavoura. Ai meu finado pai vendeu a parte dele lá, porque nós tínhamos cinco colônias de terra e éramos seis herdeiros. Daí ele veio para a cidade e eles queriam a metade da terra para fazer os papel. E estava um engenheiro acampado na casa do nosso finado pai e estava fazendo um levantamento, esse asfalto era para passar na Barra do Rio Irani e atravessava toda a nossa terra. Então meu finado pai falou para ele: - Como vocês querem a metade da terra para dividir com meus filhos, então só pagamos a escritura. Ai deu uma seca brava e a colônia já não estava dando daí peguei e vendi lá embaixo. O meu finado sogro já trabalhava para o Orlando Cella, então fui trabalhar com ele, trabalhei 23 anos de serviço.

MH - E o que o senhor fazia lá?

Projeto Memória histórico-geográfica do Planalto e do Oeste de Santa Catarina: imagens e oralidades

LS - Na granja eu trabalhei com tudo, aprendi a trabalhar com o dito trator que eu queria.

MH - Antes disso tudo o senhor comentou que era balseiro? Em que época foi isso?

LS - Eu era piazzote de uns doze anos, tinha o meu cunhado que era balseiro, e tinha esses Grando que eram balseiro de Chapecó que montavam as tal de basca, daí eles soltavam as tora lá em cima no Irani nas enchente e eu com aquela idade já ajudava o finado pai juntar essas viga, o que eu fiz era isso. Agora balseiro mesmo era o meu cunhado, ele fez vinte e cinco viagens de balsa.

MH - O senhor lembra que tipo de madeira que transportavam?

LS - Era só cedro e louro.

MNC - E tinha bastante esse tipo de madeira por aqui?

LS - E tinha, fizeram buraco em tudo que parte para retirar o cedro. Foi onde eu perdi um irmão de quinze anos por causa desse negócio de balsa ele morreu afogado no rio.

MH - Essas terras que seu pai tinha ele comprou de quem?

LS - Comprou três colônias da Companhia, mas não lembro o nome da Companhia e duas colônias de uma alemão, um tal de Becker. Quando eles vieram eles vieram de cargueiro, traziam a mudança de cargueiro e abrindo picada a facão, era puro mato. Meus pais, meu avô e meus tios vieram ali só por causa da caça e da pesca, porque nós nos criamos só com carne da caça e peixe.

MNC - E plantavam alguma coisa?

LS - De um tempo em diante meu pai começou a plantar cana, aí colocamos uma fábrica de cachaça. Trabalhamos muitos anos na fábrica de cachaça, de lá nós trazíamos num tio meu que morava aqui, ele ia buscar a cachaça lá e engarrafava aqui e vendia, nós fazia também rapadura, açúcar e melado para vender. O engenho era de madeira, eu mesmo fiz um engenho de madeira. Teve uma época em que as roça fiz quase tudo a troco de melado.

MH - As roça o que plantava?

LS - Milho, feijão, arroz algum cantinho, porque socavam tudo no pilão.

MH - Plantava com o saraquá?

LS - Não, primeiramente era tudo no sacho, era tipo um cabo que tinha um ferro que encaixava, aí jogava o milho ali, era três semente por cova, depois é que veio as máquinas.

MH - Animais também criavam?

Projeto Memória histórico-geográfica do Planalto e do Oeste de Santa Catarina: imagens e oralidades

LS - Sim, criava vaca de leite, os terneiro eram carneado e feito charque, colocava no sol, nunca sentava uma mosca na carne, secava tudo no sol, peixe a finada mãe charqueava e carne de caça isso nunca faltou.

MH - E a gordura do porco o que faziam?

LS - Fazia toucinho e colocava para secar na fumaça.

MH - E não criavam gado para vender?

LS - Naqueles tempos gado não, mas porco sim vendia.

MH - Os porco comum que criavam vendiam para quem?

LS - Vendia em Chapecó, a maior parte quem comprava era o Girardi, ele tinha um armazém, comprava produto, porco gordo comprava salame para vender.

MH - Como eram feitas as casas naquela época?

LS - As primeiras casas feitas ali eram de madeira serrada a mão. Faziam o estaleiro, colocavam a tora ali e serravam as tábuas a mão com a serra (vai e vem).

MH - E cobriam com o que?

LS - Com tabuinha, e uma parte de guaricanga, uma árvore parecida do palmito, tipo palmeira, a folha dela era do jeito que se colocasse certinho não dava uma goteira. Os paiol eram coberto com essa palha.

MH - Além do que plantavam para comer vocês costumavam plantar ao redor da casa árvore de fruta, erva-mate essas coisas?

LS - Arvoredo de laranja tinha laranjal comum quatrocentos pés plantado, então a turma vinham de Chapecó de muitos lugares de cargueiro pra lá e compravam, depois vendiam na cidade. Daí fizemos um pomar só de laranja enxerta, ali tinha laranja de umbigo, laranja baiana, laranja natal, bergamota enxerta.

MH - Erva mate não plantavam?

LS - Não, o meu pai plantou uma vez uns três pés, ai veio o sábia e espalhou a semente, porque ele come a semente e aonde larga ela vem.

MH - Como era mesmo o nome do lugar onde vocês moravam?

Projeto Memória histórico-geográfica do Planalto e do Oeste de Santa Catarina: imagens e oralidades

LS - Barra do Rio Irani.

MH - Hoje existe esse nome?

LS - Existe só que os índios estão lá, é aqui embaixo perto da Praia Bonita onde o rio Irani desemboca no Uruguai.

MH - Eram os Kaigang que moravam lá. Agora eles saíram de lá?

LS - Não, agora que eles levaram tudo para lá, onde nós morávamos, onde eu me criei é tudo dos índios agora.

MNC - Daí de lá vocês vieram morar aqui no Bormann?

LS - Daí vendi lá e vim morar aqui no Passo dos Ferreira e morei dois anos. Então levei uma proposta de um cara lá de Cordilheira Alta, então fui para lá, ele não me dava serviço para os filhos, era só eu que ganhava então só fiquei seis meses, voltei para Chapecó trabalhar de volta com o Cella.

MNC - Quantos filhos o senhor tem?

LS - Eram sete.

MNC - Seu Lucio conta um pouco para nós como era o Bormann quando o senhor chegou?

LS - O Bormann era bravo, não era muita casa, o que tinha era que existiam duas gangues, uns queriam ser mais do que os outros aí andaram se matando.

MH - Além das casas, como eram as ruas? Já tinha algum posto de saúde, igreja?

LS - Igreja sempre teve primeiro a igreja era lá em cima, agora é aqui na frente.

MH - As ruas já eram retas assim? Tinham calçamento?

LS - Não, as ruas eram puro buraco.

MH - Tinha muita água, muito banhado aqui? Como eram as terras aqui?

LS - As terras tinham muita água.

MH - Outro dia o senhor falou sobre as coisas da natureza, que não se preserva mais as águas. O senhor gostaria de deixar alguma mensagem sobre isso?

LS - Eu posso dizer para vocês que montei aquela poesia sobre o Desbravador, mas eu não gosto desse nome de Desbravador, porque desmatar a mata se obrigava porque se não ia plantar a onde.

Projeto Memória histórico-geográfica do Planalto e do Oeste de Santa Catarina: imagens e oralidades

Mas derrubar só por derrubar e não plantar nada. Ninguém respeitava as nascentes de água, por que não deixar um canto de mato em cada lado para preservar as nascentes? E onde é que foi a água? Ela foi se sumindo, é disso aí que eu tenho um sentimento. Só que depois que entrou a tal da motosserra e o trator.

MNC - Era muito mato aqui?

LS - E, era puro mato, Chapecó quando conheci era tudo sertão. Porque Chapecó nasceu aqui. Quando nós tínhamos algum produto para vender trazia no lombo do burro até Chapecó. Chapecó nasceu aqui. Hoje se Chapecó tivesse ainda aqui e crescendo daquele jeito, teria que estar fazendo casa caindo lá para o Uruguai. Então eu até fiz a poesia:

“Chapecó nasceu aqui e daqui foi retirado, foi lá pro Passo dos Índios que Chapecó foi levado. Mas não posso criticar, pois é uma bela cidade. E eu por ser chapecoense me sinto muito honrado. Mas fique certo minha gente, que eu vou falar é a verdade, no berço de Chapecó no Burlam tá bem guardado. Na Barra do Irani, fui nascido e fui criado, lá minha sala de aula era os bois e o arado. Desde a idade de oito anos, tava no cabo da enxada, aprendi a respeitar, por meus pais fui educado, os velho sempre diziam, meu filho você respeita se quiser ser respeitado. Me criei dentro da lei, meu pai era autoridade, vinte anos de inspetor sofrendo sem ganhar nada, me chamo Lucio Schimitz, estou na terceira idade, pra todos os chapecoenses deixo um abraço bem apertado.”

“Nome de Desbravadores, muitos se sentem honrados, mas existe algum erro que causaram no passado. Não conservaram os rios, nem córregos nem os lajeados, to falando de nós antigos, de nunca termos pensado. Não pensamos o que era certo, não pensamos o que era errado, caçava por diversão, deixando a espécie ameaçada, e hoje com a extinção, ninguém se sente culpado. Chegando as motosserras, as matas foram tombadas, com o trator e o homem, as terras foram rasgadas. Ai veio os agrotóxicos, nas lavouras aplicados, descendo lá pras nascentes as lavouras arrastadas. Poluindo o meio ambiente, e as águas contaminadas, por não conservar os rios, com as recostas devastadas, nossas águas cristalinas, por lixo foram afogadas. Plante árvores juventude, seja um jovem interessado, devolva vida aos rios, com as margens reflorestadas. Embora vocês não tem culpa, dos outros ter derrotado, eu também contaminei, nas granjas eu era empregado, dependia pra viver daquele pobre ordenado. Fazia o que me mandavam, para não ser despachado, na devassa das florestas, também me sinto culpado, pois eu também contribui com a foice e o machado. E as nossas matas tão lindas por fogo foram devoradas, junte o lixo companheiro, não deixe o lixo extraviado, conserve o meio ambiente, se tu quer ser um bom soldado. Conservem a natureza, que ela diz muito obrigado, a natureza minha gente, é nosso berço sagrado. Me

Projeto Memória histórico-geográfica do Planalto e do Oeste de Santa Catarina: imagens e oralidades

desculpem se ofendi, com esses meus versos rimados, me chamo Lucio Schimitz, estou na terceira idade, para aqueles que catam lixo, deixo o meu muito obrigado.”

